

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE JULHO DE 1899



A RAINHA VICTORIA

## Chronica Electrica

Quem não entendemos nada de politica, que não queremos mesmo entrar em relações com essa dama, parece-nos ser opinião já exarada n'esta columna. E' porisso talvez que nem mesmo os acontecimentos politicos costumamos olhar sob um prisma politico. São factos de ordem generica sobre os quaes despreocupadamente applicamos a lente da critica, alheios a nomes, fóra de bastidores, desconhecendo partidos e facções. Eis o que se dá com o caso politico mais sensacional dos ultimos dias: a retirada dos regeneradores. E muito á puridade vimos declarar em publico que tem havido retiradas tão celebres como esta, ou mais ainda, porém mais adequada, mais logica, e mais a tempo, não conhecemos nenhuma.

O que é deveras para sentir é que se reservassem para tão tarde aquellos que encontraram n'esta famosa retirada a fórmula precisa, racional, mathematica, do que vale esta inutil e estafada convenção que se chama: o parlamento.

Fatigando-se, esalfando-se, chegando a adquirir uma doenca por excesso de trabalho, de luta, de resistencia, o leader da minoria na camara alta, teve de abandonar o posto, facultando aos outros o constatar que fóra esteril a sua actividade, inefficaz a sua campanha. Sem utilisar ao pais, prejudicara-se a si proprio. Nem só um dos projectos acariciados do governo ou da sua maioria conseguira arrancar á votação que os transformara em leis!

Esta prova feita não podia em boa analyse deixar de pôr em debandada immediata toda a oratoria parlamentar, toda a rhetorica de S. Bento. Pois se até alli se afundiram os mais bellos discursos, os mais esmagadores pedaços de eloquencia, as apostrophes mais viris, os argumentos mais irrespondiveis, se a maioria fez passar a onda da votação por cima de todas essas ninharias, não seria porventura mais do que irrisorio, mais do que o absurdo permite, continuarem os soldados a pelear depois de se terem retirado os generaes. Se a retirada d'estes foi imposta pelas circunstancias, a outra, a segunda, acaso não foi aconselhada pela logica como derivada da primeira?

Ver passar n'um desfile interminavel projectos e mais projectos, demittindo aqui, creando acolá, reformando, auctorisando, revolvendo tudo, agora demolindo, logo edificando, e não podendo em nenhum d'elles ter mão, e não ter forças de pôr um dique á corrente impetuosa, e nem sequer ao menos, para premio de consolação, ter á facilidade de metter um projecticulo de perneio, só para poder dizer: «eu cá tambem sou gente», hão de concordar que é tarefa tão ardua e missão tão dolorosa e pungitiva como a do pobre Luiz XVI quando, de mão no peito, gritava na peça de Giacometti: «Ai! que a natureza humana não pode mais!»

A morte do tzarewitch veio pôr mais em evidencia um nome feminino que se impõe a toda a veneração e a todas as consagrações. E' o de uma imperatriz que fica sendo exemplo das esposas e das mães. E' o de uma nobre senhora que parece ter pisado o throno só para de muito alto poder exemplificar a nobreza, a virtude e a dignidade feminina, no que estas grandes qualidades toem de mais intimo, de mais puro e mais delicado. E' o de uma princeza que tendo nos seus dominios o mais vasto territorio do globo e dezenas de milhões de subditos a seus pés, não tem querido occupar senão o espaço infimo de que necessita para estar ao lado dos seus filhos, ora para lhes inculcar a coragem, a energia, a grandeza de animo, a firmeza, toda a força de uma raça, ora para se tornar a enfermeira dedicada e caritativa d'aquelle que era o retrato vivo de seu marido, e a quem a tuberculose fulminou em pleno vigor da mocidade!

Evitando todas as festas da cõrte, esquivando-se a todas as solemnidades pomposas, refugiava-se no seu palacio de Gatchina e foi n'essas solidões que a imperatriz Maria Fedorowna, depois de bem educado e fortalecido o espirito d'aquelle que tem o sceptro de todas

as Russias, assistiu durante longos mezes de angustia ao martyrio do mais querido talvez dos seus filhos, não só por ser infeliz, mas por ser aquelle em que melhor se reflectia, talvez, a alma do czar assassinado.

Contemplando assim de longe, d'este extremo da Europa, esta sublimo figura de mulher, cuja corôa constellada de brilhantes brilha menos que a sua grandeza moral, perguntamos a nós mesmos se não foi n'este cerebro ou antes n'este caracter privilegiado que nasceu a luminosa ideia da paz europea, que colloca o imperador da Russia sobre um pedestal de gloria!

Brasil-Portugal.



## A RAINHA VICTORIA

Não ha dois mezes ainda que toda a Inglaterra celebrou o anniversario da sua graciosa rainha, que completou 80 annos no dia 24 de maio. Ha mais de 62 que ella occupa o throno, e n'uma vida tão longa, e n'um logar tão alto, ninguem soube ainda impôr-se não sómente ao seu povo mas ao mundo inteiro, por tão elevadas qualidades de coração e de caracter. Estes predicados pessoas tem dado á constituição ingleza um tão assignalado relevo que a Rainha é mais do que uma soberana, mais do que uma instituição: é a Inglaterra. Não ha um inglez que não veja consubstanciada n'essa grande figura de mulher a propria nacionalidade.

Publicando na nossa Pagina rostral o retrato da Rainha de Inglaterra, imperatriz das Indias, acompanhamo-lo com alguns dados curiosos, especialmente para aquellos dos nossos leitores que os não conhecem todos.

A rainha Victoria nasceu em 1819 no castello de Kensington, e foi chamada Alexandrina Victoria em honra de seu padrinho o imperador Alexandre da Russia, e de sua mãe. Seu pae, o duque de Kent, morreu de uma congestão pouco depois, em 1820, e a duquesa de Kent foi habitar o palacio Kensington, em Londres.

Em 1825, a princeza Victoria era herdeira presumtiva da corôa, e porisso era augmentada a lista civil de sua mãe.

O Rei Guilherme IV sobe ao throno em junho de 1830 e morre em junho de 1837. Cinco annos antes a princeza Victoria fizera uma grande viagem por toda a Inglaterra; um mez antes da morte de Guilherme IV attingia a maioridade e festas nacionaes celebravam este acontecimento.

Se quando o rei falleceu, a rainha tivesse um filho posthumo, seria ella a regente do reino e tutora do herdeiro. Mas a sorte decidira que a regente fosse a duquesa de Kent, tutora da princeza Victoria.

No mesmo dia em que o rei expirou, o arcebispo de Canterbury e o grande chancellor, logo ao romper da madrugada dirigiram-se apressados em carruagem para o palacio de Kensington. Bateram á porta. Ninguem respondeu. Bateram de novo e então conseguiram entrar. Conduziram nos a uma sala do rez-do-chão e ahi se conservaram longo tempo, sem que ninguem se lhes dirigisse. Tocam uma campainha, e um tanto irritados pedem para ser recebidos pela princeza Victoria. Nova espera, longa e impaciente. D'esta vez chamam imperiosamente. Aparece uma aia e annuncia-lhes que a princeza está n'um somno tão profundo que têm escrupulo de a acordar.

Apesar d'isso os nobres mensageiros insistem. «Teem, dizem elles, graves communições a fazer-lhe; tudo deve ceder, até o somno, porque emfim é á rainha que dehesam fallar. A aia inclina-se, stupefacta.

Minutos depois, em robe-de-chambre branco, os olhos cheios de somno, trazendo sapatos nos pés, e os longos cabellos cahidos sobre os hombros, a princeza Victoria apparece. Tinha 18 annos. Era rainha.

# MATTOSINHOS—PORTO



○ descarregar dos barcos

## A-VOLTA-DE-DREYFUS A FRANÇA

**E** O ACONTECIMENTO sensacional d'estes ultimos tempos. Dreyfus, o supposto traidor, voltou a França, onde vai de novo ser julgado por um conselho de guerra.

Depois da decisão unanime de 45 membros do Tribunal de Cassação, o resultado do novo julgamento, em Rennes, está previsto.

Descobertas as falsificações de Henry e de Esterhazy, desfiado pouco a pouco o terrivel trama que, contra um official francez, outros officiaes francezes tinham urdido, conhecidos pela publicação no *Pi-garo* todos os documentos do *dossier* secreto, a decisão do conselho de guerra de Rennes está prevista. E' fatalmente a absolvição.

Se juridicamente Dreyfus não está, por emquanto, declarado um innocente, moralmente já o está, desde a decisão do tribunal de Cassação e a liberdade do coronel Picquart.

Mas quer se demonstrasse a sua culpabilidade, quer não, Dreyfus seria em todos os casos: um martyr.

As torturas que lhe fizeram passar na ilha do Diabo, as ferocidades revoltantes que para com elle tiveram os seus guardas, e que ha pouco foram narradas n'um soberbo artigo de Clémenceau, a excepcionalidade do rigor inquisitorial que para elle tiveram, fizeram de Dreyfus, culpado ou innocente, traidor ou não, um martyr.

Na carta de Paris encontrarão os nossos leitores a nota da impressão produzida em França pela victoria dos dreyfusistas.

## O CHOQUE DE COMBOIOS EM BRAÇO DE PRATA

**B**RAÇO DE PRATA é uma pequena povoação a algumas leguas de Lisboa, e estação da linha ferrea de Norte e Leste, que tem um grande movimento de comboios, pois que por ella passam mais de 80

por dia, incluindo os de mercadorias. Em Braço de Prata ha vastissimos armazens de vinho e muitas fabricas, cujos productos, que são expedidos por aquella estação, fazem com que seja muito grande tambem o movimento de expedição e despacho.

Foi n'esta estação que se deu o terrivel accidente a que consagramos as nossas paginas 12 e 13, e que se não causou tantas victimas, como seria de esperar, foi isso devido ao facto de o sinistro se ter dado a horas em que o movimento de passageiros no tramway de Sacavem é muito menor.

A narração do caso resume-se em poucas palavras:

O comboyo-correio do Porto, que sahe da estação do Rocío ás 10 e meia da noite, alcançou na estação de Braço de Prata, onde não tinha paragem, o tramway de Sacavem que sahira do Rocío meia hora antes, e que chegara áquella estação com dez minutos de atraso.

Por negligencia do chefe da estação, os signaes de paragem não foram dados ao comboyo do Porto, cujo machinista vendo os signaes de *via desimpedida*, não diminuiu a velocidade, indo chocar violentamente com a cauda do tramway, que n'esse momento se punha em movimento.

O choque foi terrivel. A machina do rapido do Porto, que é uma das recentemente adquiridas pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro para o serviço dos comboios rapidos *Lisboa-Porto*, enfiou pelas carruagens do tramway, reduzindo-as a estilhas e arrastando o tramway pelo espaço de 100 metros.

O que de terrivel teve a scena podem os leitores d'esta Revista avalliar-o pela reconstituição que d'ella fez o illustre artista Costa Campos, e que publicamos na pagina 13.

Os prejuizos materiaes são quasi completos no tramway e muito importantes na machina e em algumas carruagens do comboyo do Porto.

Além de dez ou doze feridos, dos quaes dois gravemente, ha a lamentar a morte de José Agostinho Salomão, natural de Sacavem.

Para o apuramento das responsabilidades do desastre, abriu a Companhia um inquerito, de que resultou a demissão de tres empregados da estação de Braço de Prata.

# A EXPEDIÇÃO PARA LOURENÇO

## MARQUES



*El-Rei passando revista aos expedicionarios*  
El Rei  
Ministro da guerra    Ministro da marinha



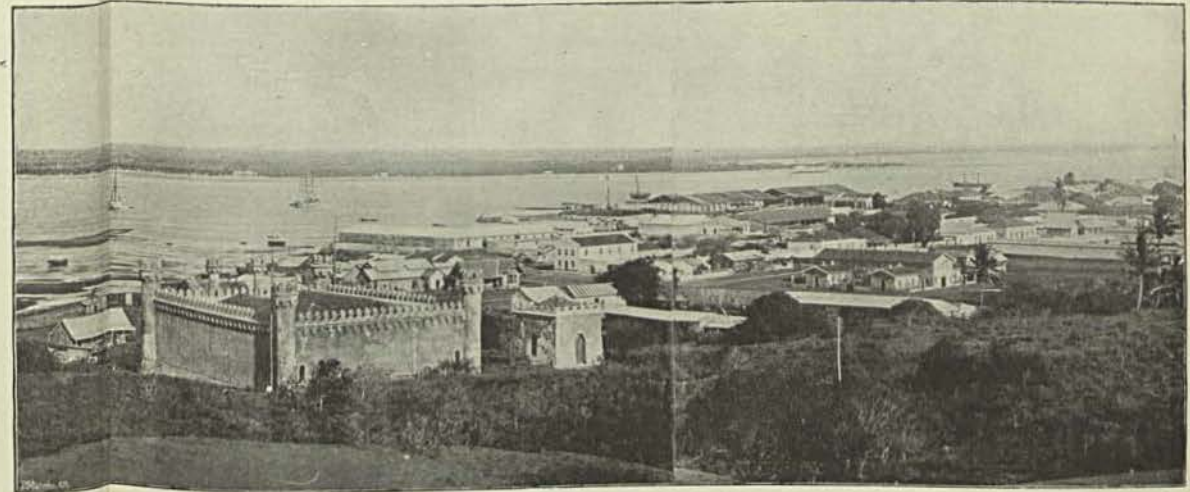
Grupo de expedicionarios



O vapor Zaire.



A Banda de Caçadores 3



Lourenço Marques



## Carlos de Moura Cabral

**D**ESDE que os instantâneos do Kodak se propagaram a todos nós, como epidemia inevitável, não ha recanto de Lisboa que não esteja fixado, apanhado, guardado na colleção dos kodakistas.

A Lisboa que passeia a pé, de carruagem, de bicycleta, a cavallo ou de automovel; a que entra e sae das lojas; a que fecha e abre as janelas; a que lê o jornal nos cafés, e a que toma café para ler os jornaes; a que compra e vende; a que namora da rua para os 4.<sup>os</sup> andares, e a que se atria d'amor dos 4.<sup>os</sup> andares para a rua; a Lisboa de chita, de seda e de veludo; de comedias que são dramas, e de dramas que são comicos; — toda ella, toda essa Lisboa, physica, mechanica, articulada, estava hirta, parada, feita no cliché photographico.



Moura Cabral

Agora, então, um escriptor muito conhecido, munido se com o kodak do seu talento e da sua observação, veio dar-nos aquellos clichés *por escripto*, e chamou á colleção — *Lisboa em flagrante*.

*Lisboa em flagrante* é um volume cujas paginas estão cheias de observações chistosas

colhidas na vida de Lisboa. A sociedade elegante e a sociedade burguesa da minha terra, forneceram a Carlos de Moura Cabral epizodios curiosissimos por onde elle espalha o seu fino espirito de critico delicado fazendo rir de periodo para periodo.

Perfeitamente tirado do natural, *Lisboa em flagrante* mostra-nos como nós somos, obrigando-nos a achar graça na maneira como vivemos, como temos delicias, e até como desejamos corrigir-nos. Por isto, e sem ferir os nossos ridiculos, nem magoar as nossas velleidades, todos nós, os que por esta linda capital, melhor ou peor, gozamos uma vida folgada, — sentimo-nos ao ler esse livro as verdaderas personagens que Moura Cabral apresenta. E como o livro tem uma feição d'alegria que não é troça, e um travo de critica que não é má-língua, o leitor acha bem o que lá está e felicita quem o escreve.

Tanto mais quem lê *Lisboa em flagrante*, reconhece no seu auctor o homem que sabe vestir uma casaca e pizar um salão de baile, ou fazer uma visita a um camarote n'um intervalo do espectáculo e ser gentil para com as senhoras, e cortez para com os homens.

E, se como se proclama — o estylo é o homem — aquellas qualidades aprimoradas devem tornar o trabalho d'esse escriptor mais interessante e agradável.

Moura Cabral pela sua posição social, e pelas suas relações pessoais, conhece a melhor sociedade de Lisboa e poudo portanto apreciar-a profundamente. Reuniu, porém, n'um livro, as apreciações superficiaes, simples, alegres, mas caracteristicas, aquellas que todos

conhecem, mas que é muito difficil descrever, e d'ahi resulta um ramalhete de notas d'onde se exala um perfume de verdade, e d'onde o sorriso brota natural.

N'aquellas paginas não existe uma falha grosseira uma observação flagelladora. Tudo está combinado com muita elegancia, sem atavios de confeiteiro, mas com perfeições de artista.

O espirito muito illustrado do auctor de *Lisboa em flagrante*, que tem visto pelas viagens as civilisações mais adiantadas, sabe comparar sem deprimir. E' assim que, referindo-se ao estrangeiro e alludindo ao que é nosso, ha sempre um sabor patriotico no modo como escreve, a delicadeza fidalga de gratidão para a sua patria.

Vê bem o leitor a serie de razões que nos levam a rir com *Lisboa em flagrante*, apesar de nos sentirmos ahi vivos, maus ou bons, taes como somos; e que nos leva tambem a afirmar que, os que lá passaram por Lisboa algum tempo, lendo agora aquelle livro, hão-de recordar-se de ter visto muitos typos que lá apparecem, de ter experimentado muitas das impressões que Moura Cabral descreve.

*Lisboa em flagrante* tem doze capitulos, que são como os doze apóstolos da gargalhada na religião da alegria portugueza. E, por aqui me fico, em relação aquelle numero 12, para que os zoiolos não me acويمem de *critico das duzias*. Mas o leitor vae apreciar pelos titulos que os encimam, se elles fazem ou não prevér effeitos muito pittorescos da nossa vida *au jour le jour*. São estes: *A flamar, Noite de prémio-re, Fortaes celebres, Villaggiatura, A Família Real, Pedalinho, Em S. Carlos, Uma tarde de leuros, Nos cafés, A Avenida, Pelos jornaes, De americano*.

Que menu tão delicado para os mais exigentes paladares da leitura. Como se adivinha a nota ligeira, colhida de subito, o instantaneo de Kodach, a encher as paginas do volume. Reconhece-se só por aquelle rol, o antigo chronista que usava o pseudonymo *Rigoletto*, e em meia columna dos jornaes portuguezes e brazileiros, commentava rapida e jovialmente o acontecimento da semana, tornando mais lida a gazeta, e adquirindo para si maior numero de sympathias e elogios.

Não sei se consegui dar a noção exacta do que era *Lisboa em flagrante*. O que affirmo agora é que toda a Lisboa colhida e fixada assim de surpresa, está suspirando por apanhar o sr. Carlos de Moura Cabral... em flagrante. E será talvez breve; quando a sua sympathica modestia, o fizer trabalhar ás occultas n'uma nova obra, e nós todos, imprensa, critica, novelheiros, viermos denuncial-o, annunciando-a.

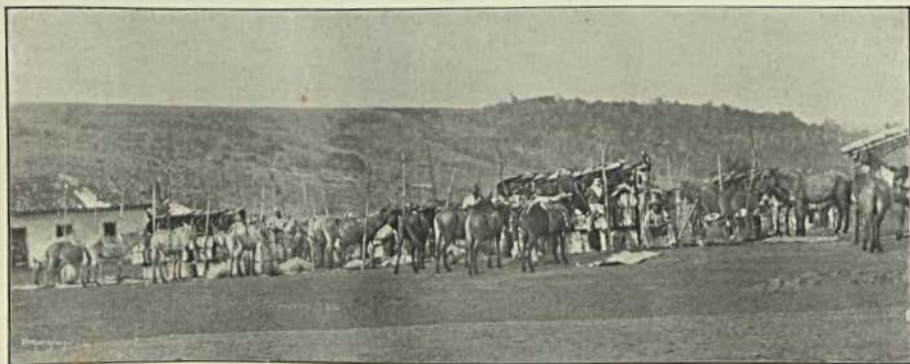
E Carlos de Moura Cabral que é hoje no cliché do instantaneo um homem, nem alto nem baixo, nem magro nem gordo, nem pallido nem corado (o justo equilibrio physico harmonisando com uma perfeita correcção moral) — como será se nós o apanharmos — *escriptor em flagrante*?

Com o seu livro, Lisboa riu, não amou, e quasi lhe esgotou já a edição. A Carlos de Moura Cabral... em flagrante, o que succederá quando nós lhe fizermos a partida?

Estou ansioso por o vêr, e vou portanto preparar o meu Kodak.

LUIZ DE MORAES CARVALHO.

## RIO DE JANEIRO

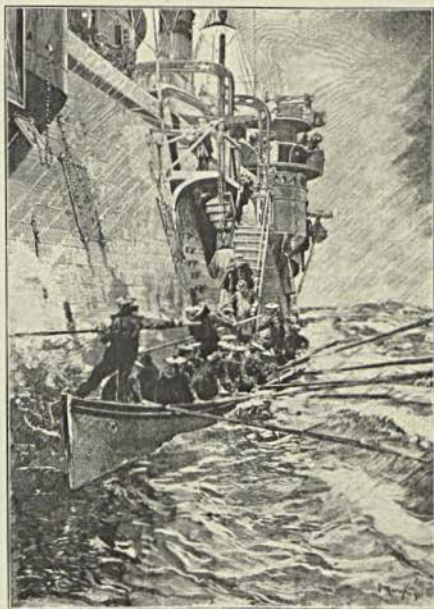


Possada. — Chegada do rancho

# O REGRESSO DE DREYFUS



Capitão Dreyfus



Dreyfus descendo a escada do Sfax



A entrada no Sfax — Dreyfus saudado militarmente



Chegada a França — A entrega de Dreyfus às autoridades de Rennes

## Cartas de Paris

(Do "Boulevard.")

○ DRAMÁTICO regresso do desventurado capitão Dreyfus, á França, que nos representavam como devendo ser o signal d'uma revolução, produziu, ao contrario, uma acalmção notavel e parece ter tido por effeito obrigar os mais ferozes a uma certa reserva. Aquelles mesmos que, fora de toda a boa fé, gritam "á morte!", ha uns poucos de mezes, comprehendem que não podem mais ir, impunemente, d'encontro ao sentimento popular, e mettem uma surdina nas suas excitações orientas.

O povo francez, que puderam desorientar durante estes ultimos dois annos que tem durado a campanha revisionista, mas que tem um fundo bom e sensivel, não podia deixar de compadecer-se por esse immenso infortunio. Os mais duros serão commovidos pela horrorosa odyssea do innocente que arrancaram aos seus, que deixou o seu paiz no meio dos clamores de morte, que esteve durante cinco longos annos sepultado vivo n'um tumulo, para com quem ultrapassaram os limites do horrivel, e que volta esmagado pelas torturas depois de ter bebido até ás fezes o calice do soffrimento humano, sem mesmo saber ainda exactamente porquê!

Não conheço nada mais emocionante do que a narrativa que nos fazem da primeira entrevista de Dreyfus com a sua admiravel esposa. Que enorme commoção deviam sentir ambos ao encontrarem-se em circumstancias tão solennes depois de uma tão longa e tragica separação! Que emoção sobretudo devia ter se apoderado d'esta pobre mulher ao encontrar, em vez do brilhante official que ella conhecia, um desgraçado envelhecido pelas torturas moraes, quebrantado pelos soffrimentos physicos, não sabendo quasi falar á forza de ter sido condemnado ao silencio!

Ah! que horrivel historia a d'este ente humano que mantiveram sequestrado durante cinco annos, amortalhado vivo, mas vivo justamente o bastante para soffrer todas as angustias. Separado do mundo civilizado, ignorando tudo o para quem o mundo parou no minuto supremo durante o qual tudo morreu para elle!

A imaginação tem verdadeiramente uma grande difficuldade em recordar os soffrimentos de toda a ordem que elle deve ter supportado. Soffrimentos moraes, que se adivinham, soffrimentos physicos, que se podem apreciar ao lembrarmos-nos de que os empregados do Estado, vivendo livres e com toda a hygiene desejavel, não se demoram mais de desoitto mezes sob o ceu de fogo onde Dreyfus acaba de passar cinco annos acorrentado ao seu rochedo.

Elle esteve lá cinco annos, empalado como um animal feroz, encontrando na sua frente a cada instante o revolver dos seus guardas, ignorando que o mundo inteiro se apaixonava pela sua causa, privado de todas as noticias, privado mesmo das cartas da sua mulher e dos seus filhos, que elle só recebia copiadas pela mão suja e desastrada d'um belemguim qualquer. Por um requinte subtil que os verdugos mais celebres não teriam inventado, entenderam dever roubar a este homem a satisfação intima e a doce emoção que teria podido produzir-lhe o contacto d'um papel emanado de elles que elle amava e dos quaes estava cruelmente e injustamente separado.

Elle esteve lá cinco annos, sepultado vivo no tumulo, condemnado ao silencio, a ponto de ter quasi perdido o uso da palavra, sendo-lhe preciso tornar a aprender a fallar para responder aos seus juizes!

Eis em que estado o puseram esses cinco annos de soffrimentos. Os seus carcereiros podiam orgulhar-se da sua obra, e os encarregados do seu supplicio executaram rigorosamente a palavra d'ordem.

Tão refinadas violencias, tão acincoasas perseguições acabaram por sensibilizar todas as consciencias honestas, que os baixos calculos da politica não conseguiram perverter. Ellas produziram já um grande resultado.

Depois da chegada de Dreyfus, alguma coisa ha de mudado em França, que ninguém ousava prever. Muitos dos que se tinham conservado anti-revisionistas por sentimento e que nunca tinham querido abrir os olhos á evidencia, sentem-se invadidos, a seu sobro elles, e a emoção tão simples e tão verdadeira da victima acabou por atingi-los.

Este movimento foi tão nitido e tão evidente que os berradores encartados tiveram de moderar as suas injurias para não indisporer a opinião publica.

E em logar da revolução promettida, em logar das coleras violentas de que nos ameaçavam, sente-se passar sobre este paiz uma brisa de piedade e de apasiguamento.

E na prisão de Rennes, o capitão Dreyfus espera o dia de justiça no meio de uma população tranquilla e que sente tudo e que pesa a gravidade da sua attitude. Isto é de bom agouro para as audiencias proximas.

N'esta hora tão solenne, não é possível deixar de medir o caminho percorrido. Em igual epoca, no mez de julho do anno passado, quem ousaria pensar no regresso de Dreyfus? Quem poderia imaginar que a revisão se imporia por si mesma e que a verdade faria a sua brecha luminosa atravez das opacas mentiras de alguns chefes do Estado Maior do exercito francez?

Este dia veio contudo, e foi com um sentimento de orgulho que os campeadores da verdade e da justiça o viram chegar. Os longos esforços que sempre são inúteis nella vão as corajosas ideias. A imprensa livre da França foi facil a sua missão. E se ella se deixou por vezes arrastar a certas violencias nas polemicas travadas para arrancar ao tumulo o innocente, essas violencias encontram uma

desculpa no encarniciamento dos adversarios contra a victima. A violencia é muitas vezes a rude companheira da verdade.

Essa verdade não tardará a ser proclamada. E, para que os que vão desembarca-la e dizel-a, possam fazel-o com toda a independencia d'espírito, é preciso que esta acalmção, que succedeu á chegada de Dreyfus, se mantenha durante os debates a que o novo processo vai dar lugar.

O capitão Dreyfus deixou de ser um condemnado, depois da publicação do accordo do supremo tribunal. Hoje é um simples accusado, e é n'esta qualidade, com a circumstancia attenuante de grandes presumpções de innocencia, que elle se apresenta aos seus novos julgadores militares.

E pois d'esperar que, no momento em que elle precisa de reunir as suas forças, enfraquecidas pelo longo martyrio que soffreu para fazer um ultimo apello á justiça do seu paiz, as polemicas de odio não venham mortificá-lo, nem a elle, nem á nobre mulher que esposou o seu martyrio.

O accusado é, no meio de uma sociedade civilizada, um réfém que tem direito, não só ao silencio, mas ao respeito de todos. Nenhum jornalista francez, por mais ardentes que sejam os seus sentimentos, devia esquecer-o, nem esquecer que durante este mez o mundo va, mais do que nunca, lêr a imprensa franceza e, atravez d'ella, julgar a França.

Emquanto no parlamento dos nossos vizinhos da Belgica e da Italia os legisladores se entregavam entre si a exercicios de boxe, acompanhados de uma troca de epithetos homericos, a Camara franceza tinha, por excepção, uma sessão amavel e galante.

Foi aquella em que os legisladores francezes admittiram, pelo menos em principio, o direito das mulheres que obtiverem o diploma de licenciadas em direito a prestarem juramento e a exercerem a profissão de advogadas. Não occultare que, no decurso d'esta sessão, o velho espirito gaullez, que tem muitas vezes bello humor, mas que tambem é, por vezes assaz impertinente, expandiu-se de coração aberto. Mas deve-se perdoar-lhe essa tendencia para a troca facil, e apreciar-se-lhe simplesmente a boa intenção.

Eu não sei o que acontecerá, em ultima alçada, á proposta de lei autorizando as mulheres a exercerem a advocacia. Pode muito bem ser que a reforma fique em meio caminho, que o Senado não a aceite e que a camara, depois de uma manifestação galante, não insista n'ella. Todavia, creio que a proposta acabará por obter a ultima sanção, porque tem por ella a logica admittim-se as francezas a inscreverem-se na Escola do Direito; o Estado aceita-lhes o dinheiro e passa-lhes diplomas, seria muito paradoxal que não se lhes permittisse, uma vez esses diplomas obtidos, usar d'elles.

As doutoras em medicina ganharam já de ha muito a sua causa, e não poucas mulheres exercem aqui a medicina, algumas mesmo com bastante successo. Não vejo, pois, porque as doutoras em direito não possam advogar. E' menos perigoso, se se mette em duvida a capacidade das mulheres, que ellas percam um processo do que ellas esperam um doente "ad patres".

De resto, o accesso das mulheres a todas as profissões, é admittido em muitos paizes. Na America, por exemplo, interessantes estatisticas mostram-nos que as mulheres exercem, em maioria, profissões em que as não encontravam, ha vinte annos, senão excepcionalmente. Eu li mesmo, um d'estes dias, que, n'uma cidade da America, os eleitores tendo descoberto que o conselho municipal era composto de um bando de ladrões, e desesperando de encontrarem homens de bem para os substituir, confiaram os poderes municipaes a damas da cidade.

Isto é um precedente e um exemplo. E os francezes, apesar da sua pretensão á iniciativa, só fazem as coisas que já viram experimentadas em algures. As mulheres advogadas não são mais offensivas do decore do que as mulheres medicas. O velho espirito gaullez, de que acima falo, diz-me aqui ao ouvido que, para podem triumphar no tribunal, as mulheres têm a lingua demasiadamente comprida. . .

Eu prefiro fazer observar seriamente que a democracia franceza, assaz egoista no fundo e cobrindo esse egoismo com a mascara do respeito da liberdade e do individualismo, concedeu ás mulheres licenças que ellas ignoravam, mas que são concedidas para ellas pela falta de protecção. Não se cessa de se lhes dizer que ellas devem tratar da vida, como nós. Seja, mas, ás pessoas que têm de atilarem-se a agua para nadarem, se podem, não se lhes deve ligar os braços e as pernas!

Os costumes francezes, de resto, fizeram já uma grande evolução no sentido do accesso das mulheres a todos os ramos da actividade humana, repudiando o dilemma muito apreciado por nós homens, muito latino, tambem, de Proudhon: "Mães de familia ou cortezãos".

A Camara franceza, entrando no caminho do feminismo pratico, não fez nem conformar-se com uma corrente de opinião de mais em mais forte. E' recencia sómente que a resistencia a rena. Tal vez violenta, da parte dos homens de toga, pouco desejosos de terem contra elles a concorrencia das verdadeiras saias.

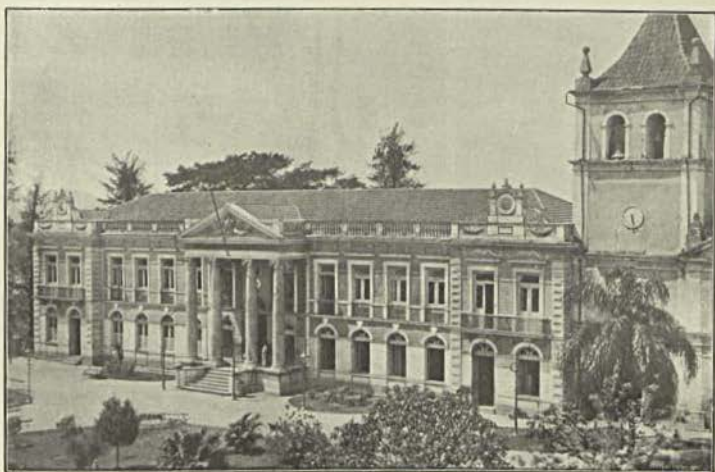
Mas tal concorrencia não será demasiadamente perigosa. No estado actual das coisas, uma ou duas dezenas de advogadas a mais não mudariam a situação da classe, já assaz atarracada de mediocridades. E depois, o torneio oratorio entre advogados e advogadas dará uma nota galante, agradável e nova, nas audiencias, com a vantagem de representar uma victoria da equidade sobre a rotina.

Paris, julho de 1899

SILVA LISBOA.

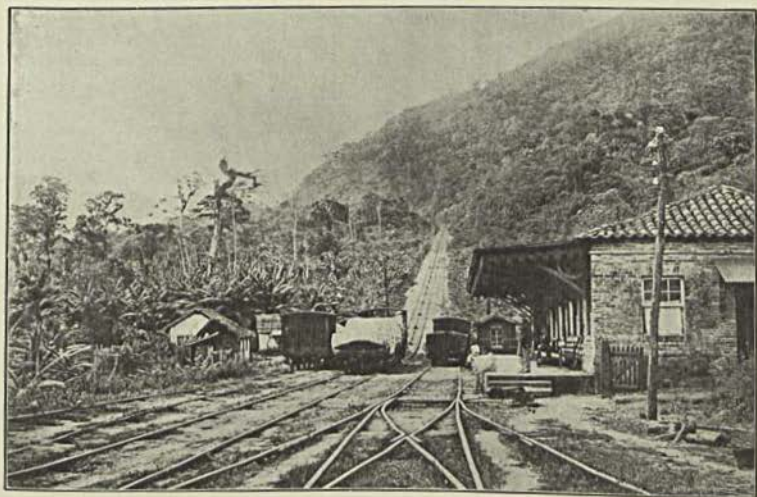
# S. PAULO

(BRASIL)



PALACIO PRESIDENCIAL

## DE SANTOS A S. PAULO



UM TROÇO DA LINHA FERREA





Affonso Gayo

## VISÃO

Mercê de um sonho estranho, de que a origem  
É a culpa de se ter um coração,  
Hontem subi tão alto que a vertigem  
Dos meus olhos achou esta visão:

Tinha subido do pincaro da Serra  
De onde a alma pôde ver sorrir estrellas...  
Subiam para o Ceu nuvens da Terra —  
Phantasticas algumas, outras bellas!

Longas horas, em extasi, despertos  
Meus olhos vadiaram pelo ar...  
Tinha a Noite o silencio dos desertos  
Sem luz no Ceu e sem rugir o Mar!

Vi passar, ao começo deste Sonho,  
Como alluviaõ de coisas — mal sonhadas,  
Um cortejo, de sombras, enfadonho  
Que a gente vê de palpebras cerradas!

Eram sonhos, por certo, interrompidos,  
Desfeitos sem que a origem se conheça:  
Macabros pensamentos que, perdidos  
Não vêm da Alma, nascem na cabeça...

Máguas vivas, talvez, gritos profundos  
Que sahiram de tantos corações...  
É que parece foram correr mundos  
Depois da Morte — em negras procições!

Mas, quando posta em fuga esta farandola  
(Tão triste que não sei como a descreva)  
As estrellas cadentes — em girandola  
Semearam a luz na densa treva.

E puz me, então, a olhar!... a luz, que vinha  
Incidir nos meus olhos, demorada  
Como um feixe iriado, dava a linha  
Que ha de ter o perfil da minha Amada!

Vi agitar-se um Vulto e, pouco a pouco,  
Tomar formas diversas, caprichosas...  
Que eu não sei, como conte, se as evoco  
Do espirito das coisas mysteriosas.

Não tardou que ante mim se desenhasse  
Um traço equal a um rosto conhecido...  
Tinha a mesma expressão que tem na face  
Aquella por quem eu tenho vivido!

Cada vez mais real e transparente  
Se envolvia de luz — manhã risonha —  
Graças á minha phantasia ardente,  
Graças ao coração que muito sonha...

Cortava o espaço, em lyrica attitude,  
— Tão de manso, de leve que, ao passar,  
(Que a visão é visão... e sempre illude)  
Mais immovel par'cia que a voar...

Mas, nas curvas do vôo procurava,  
De quando em quando, uma outra linha bella:  
E, sem ver de onde o brilho irradiava,  
Dir-se-ia haver um astro dentro d'ella!

E mais linda, mais nitida, começo  
Por achar nos seus traços, quasi todos,  
Linhas da Creatura que eu conheço  
Exactamente com aquellos modos!...

De forma que esta mancha que julgava,  
Apenas, evocada em sonhos quietos...  
A medida que mais se approximava,  
Volvia para mim seus olhos pretos!

Como a noite era escura, ao derredor,  
Um halo resplendente a envolvia!  
E, na penumbra, a mancha tinha a côr  
Tenue do espaço ao despontar o dia.

A's vezes, se uma curva tinha feito,  
Junta do coração (talvez sonhando)  
A dextra punha em angulo no peito...  
— A outra em horizontal — ia voando!

Outras, porque se havia revolvido  
O ser perfil de santa em ar de asceta,  
Via-se, em nuvem branca, o seu vestido  
A terminar em cauda de cometa!

Na bocca entre-aberta, como a rosa,  
Vinha a brincar um riso descuidado...  
Como a ventura que um Elysio gosa  
N'algun riso de amor... entresonhado!

As madeixas subteis do seu cabelo,  
Mais negro do que a treva dos espaços,  
Desciam pelo seu pescoco bello  
Cahindo ás ondas no marfim dos braços!

Nos seus olhos escuros — o clarão  
De uma doce alvorada de Ternura...  
Como um riso de amor que, inda em botão,  
Vivesse o tempo que uma rosa dura.

Mas subito a visão corre e descreve  
Uma curva maior — era um planeta...  
Nem sequer fôra um sonho, um sonho leve  
Destes que a gente faz sem ser Poeta!...

Mas disse, apesar d'isso, ao resto, ainda  
Que me ficou nos olhos em clarão:  
— «Foi sonho, foi mentira... — tudo finda,  
Quanto mais estas graças da Illusão!...

«Que importa, se és Espirito que duras,  
Apenas, um momento em que deliro!...  
Como eu ha tantas outras creaturas,  
Cujos sonhos não passam de um suspiro!

«Fui eu quem te creou, visão doirada,  
Ninguém, como eu, te vê, nem ama tanto!  
— Mais uma vez o sol da madrugada...  
Veio enxugar as bagas do meu Pranto.

«Quiz ir nas tuas azas pelo espaço  
E deixei-me cahir da immensidade...  
Julguei morrer de amor n'um teu abraço  
E, afinal, vou morrer pela Saudade!»

E, ao dizer isto, esta Visão, que foge,  
Corta-me o fio ao sonho... amanhecia!  
— Não ha sonho que, de hontem para hoje,  
Não se apague com tanta luz... do dia!

# O CIUME DA RIBEIRA



Theodoro Rodrigues

Á SOMBRA deliciosa e fresca de um bosque frondente corria uma ribeira cristalina, sobre um leito de areias brancas.

Era tão intensa a romaria entrançada no alto em fôrma de arco, que só ligeiras frestas esguias deixavam escoar, ás vezes, raios luzentes de sol rutilante, brilhando á superficie tranquilla da ribeira como pedaços de oiro polido.

De um lado e de outro, onde vinha morrer o caminho da villa, a verde samambaia espalmada estendia-se luxuriante, rasteira, como um tapete molle, do Oriente, na extravagancia de desenhos variegados.

Uma tarde, de toalha branca, de crivo, ao hombro, cabelos longos e negros, caídos pelo dorso airoso e modelado, desceu pelo caminho arenento, que vinha dar á ribeira clara, a graciosa Irahah, a virgem de olhos de abysmo e de finos labios de escarlata.

Os pés pequeninos e leves deslisavam por sobre a relva do caminho, como se fossem duas borboletas que vão vergando as folhas, sem as quebrar, no ligeiro poiso

Os ninhos cavatinaram, quando Irahah passou alegre e divina de graça, cantando e rindo, olhos pretos de uma fulguração estonteante. Um fremito de gozo e de prazer intenso correu pelo arvoredo, quando ella veio, radiosa, gracil, tocando nas flores sylvestres, chamando as avesitas, que abriam as azas, gorgeiando, faceiras, apenas a viam toda venturosa e risonha, no descuido adoravel de mocidade sadia e cheia de sonhos e de beijos.

Junto á ribeira, espreitou para o caminho, virando-se a olhar o matto; apenas um leve rumor ouvia. Irahah desabotoou ligeira o casaco branco e rendado, tirou os carnudos e modelados braços das mangas curtas e por entre a renda altissima da camisa perfumosa os seios saltaram, torneados e erectos, como duas pombas enfiando o biquinho rubro pela plumagem macia do ninho.

Depois, nua, deliciosa, n'um conjunto de fôrmas gregas, cabelleira, negra derramada, atirou com o pé, sobre a samambaia, a roupa despida e um sorriso malicioso franziu-lhe os labios nacarinos.

Mansamente, estremecendo, curvada, desceu para o banho, e a agua, voluptuosa, retorcendo-se de prazer, abriu-se, espumou de gozo, para receber aquelle divino corpo de mulher, ao qual se collava sempre, beijando-o, devorando-o, comprimindo-o, lambendo-lhe os turgidos seios, o collo, as espaldas, todo aquelle delicioso conjunto de formas, n'uma volupia de turco, n'uma ardencia de desejos. Irahah mergulhou um instante, fluctuando a cabelleira basta como uma serpente negra, apparecendo na transparencia da agua aquelle corpo esculptural de mulher.

Subitamente, um ruido forte no matto, fel-a saltar á margem, correndo, abaixada para a camisa branca e rendada, com que envolveu-se toda, apertando-a sobre os seios rijos que fremem de beijos, de beijos . . .

E, perto, a ribeira, devorada de ciúmes, encrespando o dorso, avolumando-se, correu impetuosa e feroz, arrastando as pedras, revolvendo a areia, vergando os juncos, no desespero de um leão manietado, que não se póde vingar.

THEODORO RODRIGUES.  
(BRASILEIRO)

## EM FOCO

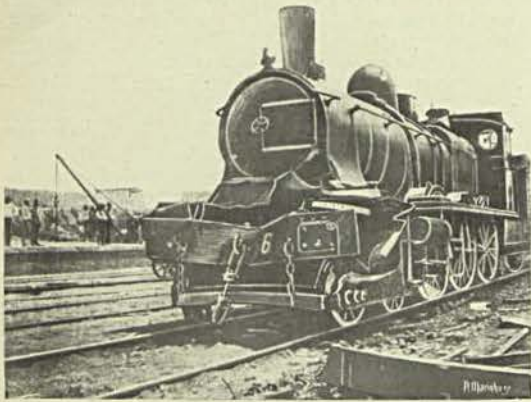


General Medeiros Maia  
Presidente do conselho e ministro da guerra  
(BRASIL)



José Luciano de Castro  
Presidente do conselho e ministro do reino  
(PORTUGAL)

# O CHOQUE DE COMBOYOS NA ESTAÇÃO DE BRAÇO DE PRATA



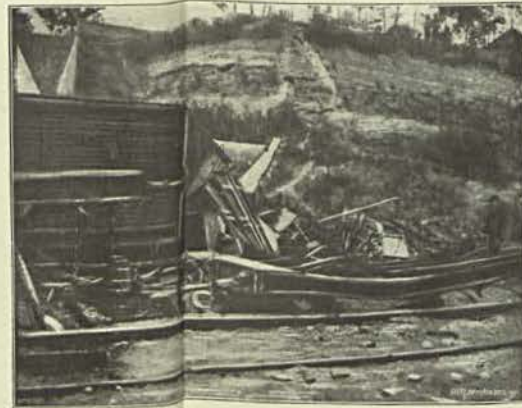
A máquina do rápido



Wagões do tramway



No dia seguinte, de manhã



Os destroços



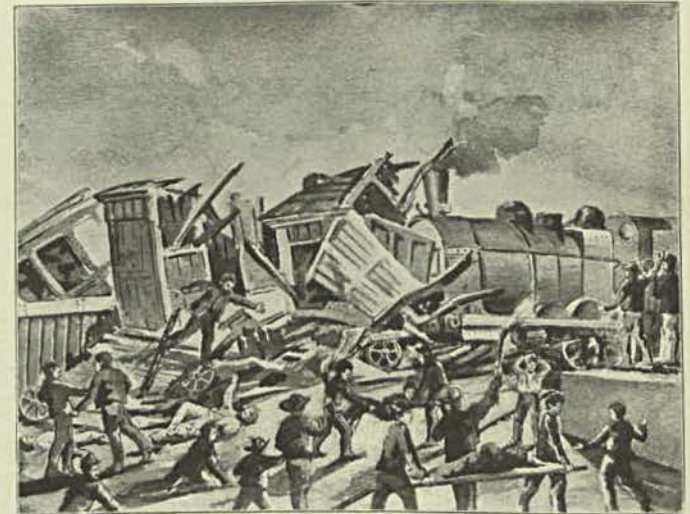
Os destroços



Os destroços



Aspecto geral da linha



A reconstrução da scena — Desenho de Costa Campos

# O capitalista João Paulo Cordeiro

E O PHOTOGRAPHO

## Apolinario de Azevedo

**A** NUNCIOU-SE ha tempos nos jornaes o trespasso da photographia Rochini, estabelecida na travessa da Agua de Flor, n.º 1.

Ocorre-nos um caso original a respeito d'esta photographia, ha trinta annos, talvez, succedido entre o capitalista João Paulo Cordeiro e um antecessor do velho Rochini, o muito fallado Apolinario de Azevedo, rapaz de merecimento, digno de melhor sorte, doivdivanas que teve na *bohemia* do seu tempo notavel nomeada, e que acabou, como todos os bohemios impenitentes, obscura e miseravelmente, sem que lhe aproveitassem os variados recursos de educação e de espirito de que sem duvida dispoz.

Poucas pessoas haverá, talvez, que saibam ter sido o capitalista João Paulo Cordeiro muito activo, e tambem mi perito amator photographico, e poucas mais ainda terão conhecimento do caso que vamos contar, e que, n'um relance, define o caracter e o espirito do conspicio negociante.

Era proprietario, como dissemos, e não sabemos afirmar se fundador do *atelier* da travessa da Agua de Flor, o *bohemi* Apolinario de Azevedo.

Paulo Cordeiro, que ainda não tinha adquirido o predio do Chiado, onde primeiro residia (!) imaginara arranjar um *atelier* já prompto, no qual pudessem installar-se com brevidade, esquivando-se ao mesmo tempo, á massada de aturar quem lh'o construisse.

— Você encontra lá isso! — diziam-lhe os amigos — quem manda fazer uma gaiola d'essas não se desfaz d'ella sem mais nem mais!

— Qual não se desfaz! retorquia João Paulo, deixando aforesar nos labios finos aquelle sorriso de bonhomia tão seu familiar — Tomara eu que me digam onde ha um photographo que me fique a geito, e verio! O outro não dizia que as casas e os deputados se compravam feitos? Pois tambem os *ateliers* se podem comprar já promptos. — E acrescentava: — está o caso, senhores, em lhes applicar a *minha receita*...

Mas a *receita*, por mais que atemiassem, não dizia elle qual era. — E' cá uma receita... vocês verão. E calava-se.

Entretanto, lá catando, e achou, com effeito. O *atelier* da travessa da Agua de Flor estava no caso; — ficava a geito. Paulo Cordeiro informou-se; espreitou o momento opportuno. lá seguindo com disfarce ao voltel proprietario da cobigada photographia, e lá quando lhe pareceu, resolveu-se a pôr em pratica a *sua receita*.

Um dia investiu resolutamente pela escada, com aquelle seu passo um tanto *inglêsado*, o chapéu de aba direita, a longa *sotaina* preta em que andava sempre en trajado, e o esguio tronco pendido para diante, como todos os conhecidos.

Subiu. Ao tempo descia um sujeito. Cruzaram-se no patamar. João Paulo teve um palpíte.

— O sr. vem lá de cima, do *atelier*?

— Venho, sim, senhor, ouer alguma cousa?

— Quero fallar ao dono da photographia.

— O dono sou eu; agora, se é para tirar o retrato, hoje não posso, tenho um trabalho fóra...

— Não senhor; não é para tirar o retrato, é para outra cousa, tornou João Paulo, encarando fixamente o seu interlocutor, e dando sahida ao costumado sorrinhinho.

— Para outra cousa, voltou o outro meio perplexo. — N'esse caso, diga lá, mas peço-lhe que se despache, porque tenho alguma pressa.

— Venho para lhe comprar o seu *atelier*...

— Comprar-me o *atelier*? Não está má essa! Mas quem lhe disse ao senhor que eu queria vendê-lo?

— Ninguém, mas imaginei eu que o senhor o venderia, se...

— Se?...

— Se eu lh'o pagasse pelo dobro do que elle vale. E ao mesmo tempo João Paulo fazia menção de tirar a carteira. — Trago o preciso, acrescentava.

— Homem! o senhor é o diabo! destampou o Apolinario, sem a mais leve suspeita de quaõ bem João Paulo alcançava o significado da interjeição.

— Pois serei, volveu o *sentador*, continuando a sorrir, — mas vamos lá acima. Isto não demora nada.

O Apolinario, meio subjugado pelo imprevisado da aventura, achando graça ao *diabo*, e medindo-lá consigo n'um relance a conta que lhe ia fazer, na occasião, o par de libras que o caprichoso freguez haveria sem duvida de esportular, voltou para trás sem dar palavra, subiu os degraus que faltavam, mettu a chave á porta, e disse a Paulo Cordeiro, que a elle seguindo:

— Entre:

João Paulo entrou, deu duas voltas por todo o recinto, lançou um olhar rapido a todo o circunstante, e disse ao dono da casa, ao tempo que este lhe chegava uma cadeira.

— Obrigado; não me sento, que tambem eu estou com pressa. O seu *atelier* não chega a valer trinta libras; aqui tem sessenta, e façame ahi um recibo.

E ao mesmo tempo, abrindo a carteira, apresentava um maço de notas em cima da banca.

— Faz favor de contar.

O Apolinario estava sem dar conta de si. Cobrou porém animo, e retorquiu com entono:

— Então o que eu aqui tenho não vale trinta libras? Sempre de-seja saber quem são os seus fornecedores... Se o senhor é da arte... acrescentava petulante.

— Deixem-nos de historias, atalhou João Paulo, e nada de perder tempo. Ambos nós temos pressa. O que eu lhe disse é que lhe comprava o *atelier*; portanto, o que lhe pago são as paredes e a camara prompta a funcionar. Acho que dando-lhe sessenta libras pagaria tudo muito bem; casa e utensilios. Mas eu não preciso de nada d'isto que o senhor aqui tem; aparte o que quiser, e vamos ao recibo.

— Mas eu não posso demorar-me, dizia o Apolinario, meio vencido.

— Nem eu, acudiu João Paulo. Passe-me o recibo, amanhã, das 10 em diante, achar-me-ha aqui. As sessenta libras aqui estão, dizia, abrindo em leque sobre a mesa o masso das notas.

— Dé-me oitenta libras, e não se falla mais n'isto.

— Olhe, o que eu quero é despachar. Assigne ahi um recibo de trezentos mil réis por tudo isto, e deixe-me em paz.

O Apolinario ainda quiz recalcitrar.

— Nem mais um real! O recibo e a chave!

Apolinario de Azevedo, subjugado, sentou-se á mesa, redigiu o recibo, sem perguntar a quem o passava, tão bem conhecia o seu singular interlocutor! e guardou o dinheiro.

— Conte, conte sempre.

— Ora essa, sr. João Paulo Cordeiro!

— Então adeus, amigo. Eu vou agora ver isto com mais preceito.

— rematou o novo proprietario do *atelier*, como quem dizia «Pode se ir embora».

Apertaram-se as mãos. Apolinario sahio, e João Paulo abrindo a janella, chamou um homem que estacionava defronte.

— Venha! disse-lhe João Paulo.

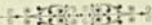
O homem, em vez de entrar na escada, e subir, partiu correndo para os lados do Loreto.

Meia hora depois, voltava com dois moços, que traziam n'uma padiola todo o trem photographico do novo proprietario.

No seguinte dia, o capitalista João Paulo Cordeiro, photographo amator, estreava o seu *atelier*, tirando o retrato, em soberbo *click*, ao amigo que nós contou este caso.

Listos, Julho 1899.

GOMES DE BRITO.



A vaidade é o calcanhar de Achilles do genero humano. Todos a possuem, e os que dizem não a ter são os mais vaidosos.

CHATEAUBRIAND.

Melhor cabe um camello pelo fundo de uma agulha que um descrente no reino dos ceus.

SANTO AGOSTINHO.

A mais espessa roupagem em que a mulher se pôde envolver é o manto das suas virtudes.

SADI (poeta persa).

As mulheres leem todas pelo mesmo breviario, mas são incapazes de se unirem para um mesmo fim.

M.<sup>me</sup> DE POMPADOUR.

Quando fizeres o bem nunca penses se aquella que o recebeu o não merece.

FEMELON.

Quando a mentira pôde evitar uma ferida no amor proprio de alguem chega a ser mais virtuosa que a verdade.

M.<sup>me</sup> DE GENLINS.

Em diplomacia, a verdade é como a agua — anda sempre debaixo do azeite.

TALLEYRAND.

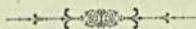
Enganar, enganar sempre de fórma que o engano produza o desejado fim, eis a politica!

MACHIAVEL.

# TORRES NOVAS



RIO ALMANDO — Lugar das Zapas



## POETAS E PROSADORES

(Perlas dispersas)

### FIDALGA

**T**EM a graça e o candor de alva princesa  
De um vetusto solar nobre do Rheno  
Essa dama gentil de pé pequeno  
E mãos fidalgas de infantil duqueza.

Guarda no olhar de rútila turqueza  
Os mysterios da luz num mar sereno  
E ostenta o corpo de alabastro helleno.  
A correção suprema da belleza.

Quando assoma do baile á regia sala,  
— Alva e loura — entre aroma de açucenas,  
Nuvens de gaze e rendas cór de opala

Lembra um lyrio nimbado de ouro e brumas,  
— Lyrio talhado em marmore de Athenas  
Solto num mar de estrellas e de espumas!

PAULO DE ARRUDA.

### POEMA DA NOITE

**T**rus cantos o esplendor e a formosura  
Da noite exalçam... Languido arripio  
Percorre as folhas... Que fragrança pura  
Respira em torno o laranjal sombrio!

Doce palpita a brisa na espessura  
Das sebes vivas... Suspiroso, o rio  
A ribanceira em flôr beija, e murmura  
A espreguiçar-se no seu leito frio...

E' um poema de amor, que eu ouço; ha tantas  
Rosas a abrir no campo; e, cento e cento,  
Rompem astros no páramo infinito...

Canta. Eu releio o poema, que tu cantas,  
Nessa pagina azul, que o firmamento  
Desdobra, todo em letras de ouro escripto...

RAYMUNDO CORREA.

## THEATROS



Cíntira Polonio

Não me será fácil d'esta vez preencher a minha habitual secção, n'esta ultima pagina do *Brasil-Portugal*, a não ser que recorra mais uma vez ao passado. A época theatral decorre sem interesse, por entre o obrigado exodo vernal de toda a familia lisboeta que se pressa, para as thermas e praias, e o consequente abalar de successivas caravanas de artistas, que a paizes e climas distantes vão buscar o applauso e o estimulo que aqui agora lhes falta. De sorte que a verdadeira, a unica chronica interessante a fazer, seria a chronica da... roleta. Ahí, sim! esquadrihando, analysando bem as innumerables casas de jogo que por toda a parte abundam, de Melgaço a Faro, desde o luxuoso *Café chiney* da Povoá até a mais immunda e lóbrega cafeteria de Sines ou da Caparica, ahí poderá qualquer encontrar motivos que farte de emoção; ahí surprehenderá, vivos e flagrantes, correndo toda a immensa gamma do tragico ao grotesco, quantos ridiculos, aleijões, quantos formidaveis *avatars* de perversidade e vicio inclinavelmente formam a propria essencia e o fundo da natureza humana.

Porém, pela mesma razão de discreta tolerancia em virtude da qual as citadas estancias de prazer se conservam intangiveis á regulamentação policial, passarei eu tambem por sobre ellas cavidamente os olhos, reportando-me ao que de mais algum interesse nos têm offerecido os palcos. Em primeiro lugar, — uma nova revista do anno de 1898. Nova, entenda-se bem, porque a sua primeira representação foi agora, e não porque tenha uma demasiada oportunidade a sua, aliás já bem serodia, apparição... Mas, em summa, as *revistas* attrahem sempre francamente o publico, e eis o principal motivo porque esta, nas suas sete primeiras representações, tem logrado chamar muito razoavel concorrencia ao theatro, não obstante vir-nos repisar ainda as já tão estafadas referencias á letra franca e ao aquario.

Intitula-se a revista — *Está no seu direito!* — representa-se no theatro da *Avenida* e é original do fático e picante comediographo, sr. Baptista Diniz. Peido pelo rigor das repressões policiaes, e não podendo directamente visar na sua critica os acontecimentos nem as pessoas, houve o auctor de procurar o refugio dos paizes phantasticos, fazendo derivar para ahí, por meio de vagas allusões e allegorias, o commentario palpitante que a sua *verve* e bom humor lhe offerciam. — E' assim que os guardas-municipaes nos apparecem de anjos, os policiaes de serafims, um conhecido deputado-banqueiro é um caçador de grillos; e, de parceria com estes, lá vêm a mythologia á balha tambem. Ha *Diana*, *Venus*, o celebre cão *Cerberus*, guarda-fiscal postado ás portas do inferno, — por signal que muito bem representado e... ganido. Temos, mais, o *Sonho*, o *Pesadelo*, o *paé Adão*, que é o *compadre* da revista, etc. Mas a toda esta accumulção phantastica de figuras falta logica, harmonia, cohesão. Ha uma deploravel carencia de unidade artistica ligando personagens e situações no decorrer da peça. D'ahi que, para a grande maioria dos espectadores, a acção figura-se-lhes como que esfarrapada, e longas scenas e scenas resultam-lhes confusas, quasi incomprehensiveis, — effeito este para que não pouco concorre tambem a cahotica e inexpressiva confusão do guarda-roupa.

Excepção devemos entretanto fazer, — manda a verdade que se diga, — aos trajos das figuras femininas principaes, com especialidade Cíntira Polonio, a qual sem contestação continua segurando, indisputavel e primacialmente, o sceptro da elegancia. Apresenta-nos ella uma

collecção de *toilettes* deliciosas, como só uma artista intelligentissima seria capaz de idear. Que pureza de linhas, que aparada simplicidade, que nobreza, que distincção! Ao mesmo tempo finas e sensuevas, es-léticas e discretas. — Só para as gosar, para as admirar, creia o leitor que vale a pena ir vêr a peça.

Isto não quer dizer que o theatro do sr. Baptista Diniz não reuna sufficientes condições de agrado. O 1.º e 3.º actos são muito movimentados; o quadro referente á imprensa, o da feira-franca, o das portas do inferno, e os *trios* das pulgas e das *ratas* são todos muito felizes, e o publico tem-lhes feito justiça, applaudindo-os sem favor. Aceitando que toda a musica, do applaudido *maestro* sr. Manuel Benjamim, é concebida e instrumentada com um esmero, um colorido e um *entrain* como entre nós se não costumava vêr, tratando-se de *revistas*. O estimado actor Roque foi o ensaiador.

Todavia o genero theatral — *revista* — a querer continuar mantendo-se no decidido agrado do publico, tem de evidentemente adoptar uma outra estrutura e mudar radicalmente de processo. Melhor e mais efficaz que os recursos banais da magia, estou que seria a critica, o estudo dos costumes, segundo o plano que o sr. Eduardo Shwalbach já muito lucidamente esboçou, aqui ha annos, na sua primeira *revista*, no theatro da Trindade. Simplesmente, a tomarem por este caminho, as *revistas*, sem deixarem de ser populares, hão de todavia constituir um trabalho mais cuidado e sério, demandando por parte dos auctores qualidades de meticulosidade artistica, observação, talento e consciencia, a que nem todos terião a pachorra ou o... poder de abalancar-se.

Pois é o unico caminho.

Não terminaremos estas rapidas annotações sem assignalar um serviço muito apreciavel que a actual representação da revista, *Está no seu direito!* veio incontestavelmente prestar ao nosso theatro: e foi que revelou e pôz em foco algumas aptidões femininas, seguras e certas vocações para a scena, que por ahí andavam dispersamente ignoradas e perdidas. Assim, sem fallar já em Vicenta Poloppe e Maria Pinto, que o publico tanto aprecia e de ordinario nos apparecem apenas em ephemeras companhias de verão, Baptista Diniz teve a arte de ir desencantar figuras como essa Maria Quintão (a *pequena Lopicollo*, como já lhe chamam no *Avenida*), desenvolta e viva creatura, cheia de impetuosidade e malicia, até agora desestimada por theatros de feira, não obstante o seu muito e real merecimento; Rosa d'Oliveira, que de repente nos surge aqui, vinda do Porto, ao que me dizem, e de improviso revela as mais brilhantes qualidades scenicas, um conhecimento amplo e complexo da arte de representar; e, além d'estas, algumas discipulas de futuro, affirmando qualidades na hesitação do seu tirocinio incipiente, como, por exemplo, Maria Porto, soberbo typo de destaque, representando já de seguro para qualquer theatro uma utilidade, com a sua pequenina voz cheia de intenção, a sua plastica opulenta e os seus olhos do velludo, sonhadores, ardentes...

Ora, perante os escasos *elencos* dos nossos theatros, hemos de concluir que isto é uma circumstancia bem para apreciar.

ABEL BOTELHO.



Zina Vargas

# BRASIL-PORTUGAL

Impresso na Typ. do Comp. Nacional Editora  
Largo do Conde Balthão, 30

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Editor — LUIZ ANTONIO SANCHES  
Redac. e administr. — R. IVES, 55 — LISBOA

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	45000	Anno.....	7000	Anno.....	8500
Numero avulso { moeda brasileira } .....	2500	6 mezes.....	4000	6 mezes.....	4500
		3 mezes.....	2000	Numero avulso.....	500
		Numero avulso.....	800		

## SUMMARY

Chronica Electrica — BRASIL-PORTUGAL.  
A Rainha Victoria.  
A volta de Dreyfus a France.  
O choque de combolos em Braco de Prata.  
Carlin da Moura Cabral, por Luiz Moraes de Carvalho.  
Carta de Paris, por SILVA LIMA.  
Visão, verso de AFFONSO LIATO.  
O óbito da ribeira, por TA. RODRIGUES.  
O capitão João Paulo Cordeiro, por GONCALVES DE BRITO.  
Poesia e prosadores.  
Filadelfia, soneto de FALCO DE ABREU.  
Poesia da Noite, soneto de RAYMOND COMÉAS.  
Theatros, por ABEL BOTELHO.

## Paginas supplementares

De que chegam.  
Variedades.  
Recitas.  
Sciencia facil.  
Horas de ocio.

## 31 ILLUSTRAÇÕES

## Os que chegam

De varios portos do Brasil chegaram :

### Pelo «Jerôme»

Km 15.

**José Jorge d'Oliveira Caldas**, natural do Porto, para onde se dirige, e onde pouco se demora.

**Albino Augusto Dias Bello**, negociante no Pará, vem a Portugal, sua terra, em viagem de recreio.

**Francisco Paula de Sousa**, negociante no Pará, d'onde é natural. É um dos socios benemeritos da Academia Euterpe d'Academia cidade.

**José Maria Borges de Lima**. Depois d'uma ausencia de 12 annos, passados a tratar da sua casa de negocio no Pará, vem a Portugal, visitar a sua terra. Esposende. É socio da Sociedade de Beneficencia Portuguesa.

**Henrique Dias Pinto**, um illustre brasileiro, que ha dezeseis annos não vem a Portugal, e que se dirige agora para Figueira da Foz.

**Evaristo Lopes Guimarães**, negociante dos mais importantes do Pará, e que apoz 27 annos de ausencia, vem visitar a sua terra natal, Coimbra. É socio da Sociedade de Beneficencia Portuguesa.

**Antonio Baptista de Cardoso Guimarães**, natural do Porto para onde se dirige.

### Pelo «Alvares Cabral»

Km 15.

**Francisco José Robalinho**, importante negociante no Rio de Janeiro. Este nosso compatriota, natural de Villa da Feira, regressa a Portugal depois de uma ausencia de 20 annos. Demora-se algum tempo em Lisboa, seguindo depois para a sua terra natal. É socio de varias Sociedades e Academias portuguezas e brasileiras.

**José Francisco da Costa**, que depois de uma ausencia de 23 annos, regressa á sua terra natal, Oliveira d'Azemeis.

**Francisco José da Costa**, negociante, tambem natural de Oliveira d'Azemeis, para onde se dirige.

**João Bangel d'Oliveira**, negociante no Rio de Janeiro, d'onde vem. Dirige-se para Celorico de Basto, d'onde é natural.

**Alfredo Navarro**, importante negociante brasileiro. Vem da Bahia e demora-se algum tempo entre nós.

**Francisco Martins de Carvalho**, que depois de 21 annos de ausencia vem visitar a sua terra natal, Foz do Douro. É membro da ordem de S. Francisco.

**Visconde de Guimarães**, importante negociante e capitalista, que se dirige para o Porto, onde se demorará alguns mezes.

**Francisco José Gomes**, negociante em Rio Purus, (Pará). Ausente ha 10 annos, vem agora visitar o Porto, sua terra natal.

— X —

## VARIEDADES

### População do Japão

O desenvolvimento que o Japão tomou n'estes ultimos annos é deveras notavel.

Em 1720 a população japonesa era de 26 milhões; em 1815 desceu a 26 milhões; mas em 1880 subiu a 36 milhões, e cinco annos depois o recenseamento da população dava um total de 38 milhões.

Em fins de 1894 podia-se avaliar a população do Japão em 42 milhões, e contando com a annexação da ilha Formosa e dos seus 3 milhões de habitantes, pode-se avaliar actualmente a população japonesa em 45 milhões d'almas, o que lhe dá o quinto logar na lista das grandes potencias.

E de facto o Japão tem 7 milhões de habitantes a menos que a Allemanha, e 6 a 7 milhões a mais que a Inglaterra e a França.

A superficie do Japão é de cerca de 420.000 kilometros quadrados, quasi igual á da Suecia.

### A industria do petroleo

A produção annual de petroleo é actualmente de nove milhões de metros cubicos, das quaes cerca de metade provem dos Estados-Unidos.

A região de Baku, perto do mar Caspio, produz cerca de dois milhões de metros cubicos. Da Gallocia, Barmah e Canadá sahem cerca de 500 mil metros cubicos. Estes dois ultimos pontos ainda não estão em plena actividade por falta de communicações, mas tudo faz prever que alcançarão um notavel desenvolvimento.

Perto do rio Mackenzie existe a região petrolifera considerada como a mais extensa do globo, mas fica a cerca de 700 kilometros de *Canadian pacific railway*, o que difficulta immenso o transporte.

Não ha duvida alguma que, quando as difficuldades relativas aos transportes forem vencidas e que o petroleo possa ser vendido, portanto, por um preço menos elevado, o carvão terá n'elle o seu mais formidavel rival em muitas applicações, e principalmente no aquecimento das caldeiras e n'um certo numero de operações metallurgicas para as quaes o facto do petroleo ser exempto de enxofre, dá grandes vantagens e torna mais adequado.

### A terra é redonda?

Acaba de ser dirigido a sir John Garst, vice-presidente do conselho nacional d'Instrução publica, e ás autoridades escolares de Londres e de Portsmouth um estragante pedido, tendo a assignatura d'um cavalheiro municipal de Portsmouth, do sr. Ebenezer Breach, philosopho anti-galileista, e d'um certo numero de contribuintes da cidade, intimando-os a forma de *ultimatum*, em nome da sciencia, para não mais se ensinar nas escolas publicas a "doutrina heretica, da esphericidade da Terra!!!

O que ha de mais curioso é que o iniciador d'esta grotesca campanha, o sr. Ebenezer Breach, philosopho anti-parnellista, descobriu no caplhamum das leis inglesas um estatuto datando da rainha Anna on Isabel intitulado "The Impostors Act, em que se prohibe expressamente sob pena de prisão como eschismatico, de ensinar nas escolas que a Terra é redonda!

Ora este "act., nunca foi revogado e podia ser applicado amanhã pelo primeiro magistrado que não hesitasse em cair no ridiculo. Além d'isso, o philosopho Ebenezer não deixa de ameaçar sir John Garst, e até o duque de Devonshire, presidente do conselho de ministros como "chairman, do departamento d'Instrução publica, de os levar aos tribunales do reino para os fazer condemnar ás penas previstas pela lei contra os impostores e eschismaticos.

Eis algumas linhas d'esse curioso pedido *ultimatum*:

"A terra não é um queijo flamengo cortado em dois. Deve portanto patentear-se aos olhos e ao espirito de todo o verdadeiro inglex que um tal systema d'Instrução não poderá ser tolerado mais tempo, no nosso seculo de luz.

"Em consequencia, os abaixo assignados concedem ás autoridades escolares um periodo d'um meze a partir de hoje, para fazer todas as reformas necessarias a este respeito.

Napoleão e Talleyrand tinham ambos razão quando diziam, um: "O impossivel não existe"; o outro "Tudo acontece."

### Um principe taberneiro

O principe Augusto João de Bourbon acaba de dirigir á aristocracia inglesa uma circular com a qual toda a gente ri. E' encimada por tres lyrios de ouro e assim concebida:

"Neto de Luis XVII, mais despojado do meu patrimonio particular, quiz entregar-me ao trabalho.

"Teria podido, certamente, viver da lista civil, que a lealdade dos meus amigos me garantira, mas cada um tem o seu gosto. O meu era comer o meu pão.

"Eis porque, hoje homem, e reconhecendo todo o bem que me fizeram na minha mocidade, notifiquei aos meus amigos a minha resolução de seguir a carreira commercial. Alguns d'elles escandalisaram-se: "O Delphin de França taberneiro", gritaram, querendo ter fixado a minha residencia em Lunel, em uma região em que o unico commercio prospero era o dos vinhos, tinha resolvido entregar-me a elle.

"Affigura-se-me ter derogado assim muito menos que certas magestades reinantes cujas finanças preparam para o seculo vinte, rejas bancarrotaes bem previstas.

"Penso que toda a gente honrada será da minha opinião.

"Além d'isso, já dei aos meus amigos e ao publico, as explicações necessarias em vista das minhas circulares de 12 d'outubro de 1896 e 16 d'abril de 1897. Fôdem vê-las.

"Em todo o caso, hoje, é um facto assente e, graças a toda a imprensa, bem conhecido do publico.

"Ninguém deverá admirar-se se eu lhe dis ser hoje que, desenvolvendo os meus negocios, creei hoje uma nova marca de vinho de Champagne: o Crenaut Royal Augusto de Bourbon.

"Merece duplamente este titulo de real, por que o vendo e porque é digno de figurar nos "toasts" dos reis.

"Assim, Sr. . . . . quaisquer que sejam as suas sympathias e as suas opiniões, dirija-se a mim se quiser ser realmente servido.

Augusto João de Bourbon.

A curiosa circular do principe taberneiro foi reproduzida, com gratiosos commentarios pelos jornaes inglezes.

### Demolição da muralha da China

Annunciam de Deuver (Colorado) que o Sr. Laves, engenheiro civil de Chicago, de volta do Celeste imperio obteve uma importante concessão em nome d'um syndicato anglo americano. Trata-se da demolição da grande muralha da China, sendo as pedras empregadas para a construção de casas e diversos outros trabalhos de utilidade publicos.

O syndicato constituir-se-ha com o capital de 10 milhões de dollars.

A construção da grande muralha da China foi começada por Shih-Hwang-Ti, no anno 214 antes da era christã. A muralha estende-se em 2500 kilometros approximadamente entre o passo de Shang-Hai e a porta da China-Ju, ao Este. Edificada sobre alicerces de granito, esta muralha é formada por duas paredes de tijolo, sendo o intervalo preenchido com pedras e terra. O muro tem 7 metros e 60 de espessura na base e 4 metros e 70 no cume e a sua altura varia entre 6 e 9 metros.

X

## RECEITAS

Antiga cosinha portugueza. — *Frangãos estrelados.*

Cozam-se em uma olha quatro frangãos, quando estiverem cozidos tirem-se fora inteiros e depois de muito bem salpimentados, ponham-se a frigar em toucinho derretido até dourarem; estando dourados, colloquem-se n'um prato sobre fatias torradas por cima e bom limão. Arme-se este prato com salichas, torremos de presunto ou lombo, e mande-se á mesa.

*Galinha agra e doce.*

Metta-se uma galinha n'uma panela com um arratel de presunto magro, adubos inteiros, um marmello em quartos (ou, não havendo marmello, maçãs azedas) meio arratel de assucar, um golpe de bom vinagre e ponha-se a cozer; quando estiver cozida, deite-se n'um prato sobre fatias, com um limão, e mande-se á mesa.

*Torta de espargos.*

Cosidos os espargos em tres aguas, afoguem-se em cheiros que hão de estar já afumados depois de cozidos e temperados com todos os adubos e bom limão, coalhem-se com seis gemmas de ovos de modo que fique a calda grossa, e ponham-se a esfriar. Faça-se a torta de massa, bem sovada, com manteiga, assucar, ovos e vinho branco. Quando feita, e com os espargos dentro, coza-se e mande-se á mesa.

O GESSO E A VINHA. — O gesso tem uma acção prodigiosa sobre a vinha. Um terreno que tenha sido convenientemente adubado com esta substancia dará um rendimento maior e de melhor qualidade.

Bebidas. — *Cocktail de Cognac.*

Deitar n'um copo um calice de cognac; ajuntar trinta gottas (pouco mais ou menos) de xarope de gomma arabica, seis gottas d'um amargo (bitter) e umas vinte gottas de curaçao. Encher uma terça parte do copo com gelo moído. Sacudir e mexer bem. Coar e acrescentar uma casquinha de limão.

*Cocktail de Champagne.*

Deitar n'um copo uma colher d'assucar, des gottas de bitter, uma talhada de ananas, e uma casca de limão. Encher a terça parte do copo com gelo moído, e acabar de encher com champagne (ou Douro espumante, excellente para esta bebida), Mexer bem, coar, servir.

## SCIENCIA FACIL

CHAMPAGNE ARTIFICIAL. — Necessita esta experiencia de varios preparativos. É necessario uma garrafa bastante solida que se enche de agua ou então de vinho branco. No caso de levar agua deve-se lhe juntar o seguinte:

6 grammas de bicarbonato de soda.

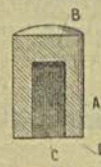
20 grammas de assucar.

1 copo pequeno de cognac.

(Para um litro de agua.)

No caso de ser vinho branco basta juntar o assucar e o bicarbonato de soda nas mesmas proporções.

A rolha (A) tambem soffre preparação previa. É necessario escolher de modo que custe a entrar no gargallo da garrafa. Em seguida esvasia-se deixando a rolha em uma certa espessura (B) de cortica de um dos lados. Enche-se o espaço esvasiado com acido tartarico, (C) em quantidade



de igual ao bicarbonato de sodio empregado e tapam-se o buraco com uma folha de papel de seda (D) muito bem colada. A melhor colla para este effeito é feita com agua muito assucarada e com uma pitada de gomma arabica.

Preparado tudo d'este modo, podemos oferecer um copo de champagne logo que nos appetecer. Para isso não temos mais que rolar a garrafa com esta rolha e amarral-a de pois com arames. Em seguida deita-se a garrafa horizontalmente; o papel de seda descolla-se e o acido tartarico dissolve-se e forma com o bicarbonato de sodio, acido carbonico que não podendo sahir se dissolve no vinho. Cortam-se os arames e a rolha salta fóra e nós servimos o champagne.

Não é mau envolver a garrafa na occasião de a detarmos, n'um panno molhado, porque ás vezes pôde a garrafa rebarbar, posto que não seja frequente.

Um torpedeiro constituindo em DEZ MINUTOS. — Uma rolha de cortica a que se dá com uma faca e uma lima a apparencia de um torpedeiro, é o que nos é preciso. Um pedacinho de madeira imitará a chaminé e faz-se um furo á ré de modo que atinja até ao meio do barco. Lastra-se com alguma pregos e pinta-se de preto. Quando estiver secco introduz-se no buraco uma mistura de bicarbonato de sodio e acido tartarico; em o buraco estando cheio, basta pôr o torpedeiro n'um prato com agua. Ao contacto da agua o acido tartarico reagindo sobre o bicarbonato de sodio produz acido carbonico que se escapa para a agua fazendo avançar o torpedeiro por causa da reacção. Quando o torpedeiro para, pôde-se recommear introduzindo nova porção da mistura.

## Horas de ocio

Charadas novissimas

C'est une très jolie femme, ma parente — 2, 2.

Na musica grita duas vezes — 1, 2.

Maus.

A Dio.

É um medico dos Zulus e sacerdotes — 1, 1.

Esta mulher da Galicia pode offender ou defender — 2, 1.

Em casa este homem é estúpido — 1, 2.

Não se vê no templo esta mulher dissoluta — 1, 2.

Non necessario para tozer — 2, 1.

É appellido de uma divindade da fabria — 2, 2.

Na escola da vinha este rei — 1, 2.

Charada dupla

A's direita seu telmo

A's vezes harmoniosa

3

ERRETRIA DE MATTOZ

Enigma

Tem o meu todo seis letras  
e uma syllaba ómnica;  
e se apenas tiver cinco  
é o mesmo exactamente.

Quinta e segunda espas  
terceira e sexta também;  
só a primeira e a quarta  
que dobradas não vem.

Com o todo do enigma  
dá-se uma coisa esquisitosa  
pois é nome europeu,  
d'autoridade asiatica.

Pergunta enigmatica

Qual é o peixe que há sempre em casa?

Decifrações do n.º 7 do Brasil-Portugal

Charadas novissimas— *Osé, Phalthis, Carocata, Arthout, Molador*

Correspondencia em miniatura

Zézeze (Porto) — Tira a mascara e depois fallarmos.

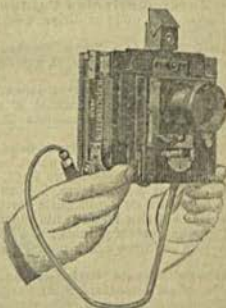
Um que não faz charadas (Lisboa) — Pois é pena. Muitas que sabe da vida. De seus reparos são bem cabidos; mas elle que os membros compositores tambem governam a guerra contra. De facto uma das charadas novissimas do n.º 7 do Brasil-Portugal saia errada. O que se encontrei foi:

Encontrei uma mulher no bazar d'esta cidade — 2, 1.

Agora advinha.

F. A. de MATTOZ.

## ARMAZEM PHOTOGRAPHICO



# Worm & Roza

153, Rua da Prata, 157

LISBOA

Machinas photographicas, completas, em todos os formatos, placas e papeis sensíveis. Utensilios e productos chimicos especialmente fabricados para a photographia, e cartogengens.

Depositarior: da Actien Gesellschaft für Anilin-Fabrikation de Berlin. Reveladores photographicos privilegiados.



**Vereinigete Chininfabriken ZIMMER & C.°, Francfort S. M.**

**Equinina.** — Acção terapêutica igual à do quinino nas febres, influenza, malária, febre typhoide, coqueluche, nevralgias, etc., e como tónico a Equinina não tem o gosto amargo nem fadiga o estomago e apresenta uma acção muito menos accentuada no systema nervoso que a quinina.

**Indicações:**  
 von Noorden: Centralblatt für innere Medicin 1896, No. 48.  
 Overlach: Deutsche Medicinalzeitung 1897, No. 15.  
 Puzos: Gazzetta degli Ospedali e delle Cliniche 1897, No. 118.  
 Conti: Gazzetta degli Ospedali e delle Cliniche 1897, No. 136.  
 Friedrich: Orvosi Hetilap 1898, No. 1. Dr. F. Plehn: Archiv für Schiff- und Tropen-Hygiene 1897, p. 408. Dr. F. Sachomlin: Wochensches Journal für praktische Medicin, 1898, No. 16.  
 Dr. A. Fausser: Orvosi Hetilap 1898, No. 18. Dr. K. M. Solonzeit: Botkinische Hospital-Zeitung 1898, 5. März. Dr. Alexeeff: Dr. Kysel, Professor Dr. Filatov: Journal de Clinique et de Therapeutiques infantiles 1898, No. 21. Dr. A. Mori: Settimana medica dello Sperimentale 1898, No. 26. Dr. G. Rondini: Il Pratico 1898, No. 15. Dr. K. Gouiew: Wratsch 1898, No. 26. Dr. S. Sapigni: Il Raccoglitore Medico di Forlì 1898, August. Dr. Xaver Lewkowicz: Wiener Klinische Wochenschrift 1898, No. 41. Dr. Franz Niedermayr: Wiener Medizinischen Blätter 1898, No. 46.

**Esantrol.** — Purgativo preciso contra os calculos biliares e outras doenças do figado. Pode ser tomado durante mezas consecutivas sob a forma de *Pilulas d'Esantrol*, sem provocar efectos secundarios.

**Indicações:**  
 Blum: Der ärztliche Praktiker 1897, No. 3.  
**Valido.** — Apresenta efectos curativos notaveis na hysteria, na neurasthenia, nas affecções do estomago: n'este ultimo genero de doenças é applicado sobretudo à anorexia e às náuseas (inclusive o corpo a bordo). Amostras, indicações, todos os outros detalhes ficam à disposição do publico.

**Indicações:**  
 Dr. Schwerezensky: Therapeutische Monatshefte, Nov. 1897.  
 G. Scosnamiglio: Giornale Internazionale di Medicina Pratica 1898, No. 4—5.

**Perolas de quinino Zimmer.** — Contendo sulfato de quinino ou outros sais de quinino em estado puro, sem nenhum intermedio. Estas perolas dissolvem-se immediatamente no esto mago e garantem assim effeito prompto e seguro.

**Indicações:**  
 von Noorden: Die Praxis 1896, No. 2.  
 Scosnamiglio: Archivio Internazionale di Medicina e Chirurgia Fasc. XII. Dezembro, 1896.

**OUTRAS ESPECIALIDADES**

Quinina, Cacaína, Caffeína, Extractos, Preparações de Iodo, Chocolate da Quinina Zimmer

GERMÃO A. FERREIRA — Rua dos Fanqueiros, 174, 1.° — LISBOA

CAMBIO, LOTERIAS

PAPEIS  
DE  
CREDITO



**João Viegas & C.°**

Rua do  
Arsenal

44 e 46

Esquina do Pelourinho  
LISBOA

**Consultorio medico-homoeopathico**

Do Dr. Cesario d'Abreu

RUA AUGUSTA, 224, 226, 228

LISBOA

Consulta medico-cirurgica e partos — 12 de

3 a 1, e as 10 m., dr. Arthur Braga

Consulta medica, 2 as 6 h. da t., dr. Cesario d'Abreu

Consulta gratuita a qualquer hora

**Flôres de Portugal**

Perfume da moda, de L. T. Piver

de PARIS

SAVON DELICIEUX

Fineissimo sabonete indispensavel nas toilette das damas. A venda nos principaes estabelecimentos de Lisboa e provincias. Uniao depositarios em Portugal Marques & Duarte, rua dos Retrosos, 72 e 74.

**A Restauração**

DE



**Gonçalves & C.°**

MERCERIA E BOTEQUIM, casa especialista em bebidas e conservas: Importação directa, commissões e consignações. Caixa postal, 190

Instalação, 8 — Maãos

**Torre Malakoff**

**La Rocque & C.ª**

Rua do Cons.º João Alfredo, 86

**PARÁ**

Especialidade em artigos para

viagem, moveis e miudezas



**RESTAURANT AMERICANO**

P. C. DE VASCONCELLOS

T. de S. Matheus, 24—PARA'

Serviço de primeira ordem. Accommodações luxuosas para viajantes. Aceito extremo. Illuminação electrica.

**TODOS OS CONFORTOS**

Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Gerez, e construido de proposito para o fim a que se dedica, possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excellente parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras, cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma distracção como não tem nenhum outro hotel no país.

Qualquer correspondencia pôde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GEREZ

Maria N. M. Salgado

EM LISBOA

Caza dos Oito Globos

RUA AUGUSTA. 286

**OCCASIÃO** Um magnifico retrato em tamanho natural, com expedita moldura, custa apenas**78000 RÉIS!**

Recebem-se encomendas das provincias enviando o retrato e a importancia em carta registada.

Photographia Julio Novaes

28 — RUA IVENS — 28  
(Folga Rua S. Francisco)**ESTABELECIMENTO**

DE



LISBOA

Ferragens, Quiquilhaes

BIJOUTERIAS

Perfumarías finas

Vendas e bordados

Artigos de retrozeiro

BONITO SORTIMENTO

Objectos para brindes

Preço fixo

Vendas por atacado e a retalho

Empreza Nacional de Navegação

Corteira quinquenal para a Costa d'África Occidental

Sabidas a 6 e 21 de cada mez, tocando nos seguintes portos: Madaira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambrissetto, Ambrisa, Louanda, Novo Hesondo, Bengalla, Moçambique, Furió, Alexandre e Bahia dos Tigres.

N. B. — Os paquetes que sahem a 6 não fazem escala por Santo Antonio do Zaire, Ambrissetto, Bahia dos Tigres e Furió, Alexandre, e os do dia 21 por Madaira, S. Vicente e Principe.

Rua da Prata, 8. 1.

Francisco d'Oliveira successor

Antigamente: Moveira Bastos &amp; Fogaça

Sapataria Liso-Brazileira

Calçado de luxo para exportação  
Fabrico exclusivamente "Manual."  
93. RUA DO OURO — LISBOACOMPAGNIE  
des Messageries Maritimes  
Paquebots poste français  
LIGNE TRANSATLANTICA

Paris, Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.

Para passageiros de 3.ª classe trata-se com José Antunes dos Santos &amp; C.ª, 4, Praça dos Remedios.

Para carga, passageiros e todas as informações, trata-se na agencia da Companhia, R. Avres, 22. Pela Compagnie des Messageries Maritimes — Soc. Française.

Casa de Liquidações

RUA MARECHAL DEODORO, 6-A

Manãos

PROPRIETARIO

Francisco Lucas de Almeida

Casa por demais conhecida não precisa de reclamos, para se saber que é a unica em especialidade de artigos para homens, taes como chapéus de palha e feltro, calçado fino, camisas, meias, gravatas, etc. Depósito permanente de bebidas nacionaes, charutos e goiabada superior.

CAMISARIA CYSNE



CAMISARIA CYSNE



MARCA REGISTRADA

Premiada nas exposições  
de Paris de 1889  
e de Lisboa de 1893**Fabrica a Vapor**

Pedições ou informações a

GRACA DUQUE &amp; C.ª

Lisboa — 168, Rua Augusta, 168 — Lisboa